

LONGE DAS REDAÇÕES, AINDA MAIS PERTO DO JORNALISMO

Obrigados a abandonar as redações e a trabalhar a partir de casa, muitos jornalistas cedo constataram que o número de horas frente ao ecrã aumentou, assim como a profundidade e a complexidade do trabalho a desenvolver. À descoberta das novas práticas da profissão, fruto da era Covid-19.

Clarisse Verdade *

“**T**udo o que é encarado com um desafio é interessante”, frisa Mário Carneiro, diretor de informação da Sapo. A rotina pode ter mudado, porém o dever continua o mesmo: informar. Mas, de todas as alterações que resultaram da pandemia provocada pelo novo coronavírus, a mais difícil para os jornalistas foi ter de deixar as redações, parcial ou completamente.

Acordar, vestir-se, ir até ao trabalho. O que levava tempo devido ao trânsito ou à distância, hoje não demora dois minutos. A secretária, a mesa da sala ou até a da cozinha tornaram-se os novos postos de trabalho. “Tivemos de aprender a trabalhar de uma forma completamente diferente daquela a que estávamos habituados”, explica Mário Carneiro. Na Sapo, todos os jornalistas ficaram em teletrabalho. “Quando tiramos a redação ao jornalista, estamos a tirar as flores do jardim”, diz. O que para alguns pode parecer distração, como o ruído e o vai e vem de pessoas, para o jornalista só faz parte do “caldeirão de notícias”.

João Francisco, jornalista do Observador, partilha da mesma opinião. Hoje, também a trabalhar de casa, afirma que “o próprio processo de produção do jornal beneficia desse ambiente de colaboração mútua” que caracteriza uma redação.

Para os que tiveram de continuar a ir às redações, a rotina está a ser outra. Marta Atalaya, pivô de informação da SIC Notícias, está a trabalhar de forma rotativa, sete dias seguidos. Os outros sete, usa-os como uma forma de “detox”. “É uma grande intensidade ao nível das notícias que estamos a dar, notícias muito tristes, muito duras”, diz

Marta. “Isso para nós, jornalistas, é um desafio muito grande”.

No caso da apresentadora do Prós & Contras da RTP, Fátima Campos Ferreira, o programa ao vivo teve de sofrer algumas alterações. Era feito num teatro ou num auditório, com público presente, e passou a estúdio e com um número de participantes mais restrito. Mas o principal problema que está a enfrentar é em relação aos convidados. “Vejo que é mais difícil aceitarem convites. A mobilidade não é a mesma e muitos têm receio de vir a estúdio”, conta a apresentadora. A solução que encontrou foi fazer as entrevistas através de plataformas como o Skype.

JORNALISMO MONOTEMÁTICO

A pandemia condicionou a vida de todos e, conseqüentemente, a agenda jornalística. Ligar a televisão, abrir um site de notícias, ouvir a rádio, não fazia diferença, tudo ia dar ao mesmo assunto: Covid-19. “O Jornalismo ficou monotemático, muito focado em determinado assunto”, explica Sofia Branco, jornalista da Lusa e presidente do Sindicato.

Os roteiros do Prós & Contras também mudaram. Segundo Fátima Campos Ferreira, os conteúdos, numa primeira fase, ficaram restritos ao estudo do vírus e ao contágio da pandemia, trazendo a debate cientistas e médicos especialistas em saúde pública. Para o jornalista do Observador João Francisco, foi um desafio ter de começar a escrever diariamente sobre o tema. Antes, trabalhava nas áreas de religião e de ambiente, mas soube, desde o início, que teria de passar a acompanhar esta nova realidade. Afirma que tem sido uma “oportunidade de aprender com especialistas e de transmitir informação o mais rigo-



rosa possível". Marta Atalaya também consegue encontrar um lado positivo: "Tem sido, no fundo, muito interessante conseguir, através de um só tema, encontrar várias formas de abordagem".

O trabalho, entretanto, parece ter duplicado. "Supostamente, estamos em casa sem fazer nada, mas é uma espécie de disponibilidade não autorizada permanente", diz Sofia Branco. O tempo antes gasto nos transportes a caminho das redações foi convertido em mais horas à frente do ecrã. Mário Carneiro sublinha que já é da natureza dos jornalistas nunca recusarem trabalho, mas agora não estão apenas "sempre de serviço", estão "sempre ao serviço". A observação "é tudo menos uma queixa", pois "está-se a trabalhar mais, mas em condições muito mais simpáticas".

João Francisco aponta outro fator que contribui para essa sobrecarga de trabalho: o aumento da procura de informação por parte dos cidadãos. Na sua ótica, a situação atual fez com que os jornalistas tivessem de dar uma maior resposta sobre as questões de saúde, as implicações da pandemia, o impacto do confinamento.

FACT-CHECKS DISPARAM

"As pessoas, de repente, viraram-se para o Jornalismo, viraram-se mais do que nunca para a informação", sustenta Mário Carneiro. Com o aumento da procura de informação, o acesso às *fake news* também é maior. O que explica o facto de o número de *fact-checks* ter disparado no Observador, segundo João Francisco. "Por um lado, aumentou a desinformação que corre na Internet, com um grande enfoque na pandemia – sobre a origem do vírus, sobre a cura", conta. Por outro, "é neste momento que temos de nos chegar à frente e contribuir para que

a desinformação não se traduza num problema de saúde pública".

Os jornalistas têm agora "uma função mais importante do que nunca", considera Marta Atalaya. O seu dever para com o público cresceu. "As pessoas, de facto, estão muito receosas, muito preocupadas. É bom poderem saber que contam com jornalistas credíveis e com a informação que estão a dar", diz a pivô da SIC Notícias.

E o Jornalismo vai mudar com a pandemia? "Penso que não e espero que não", responde João Francisco. "O Jornalismo não mudou particularmente. Teve de se adaptar às circunstâncias, teve de estar mais atento". O que aconteceu, segundo Sofia Branco, foi que se tornou "mais explicativo, mais aprofundado, um jornalismo que não fazíamos no dia a dia". Isso ocorreu como forma de consciencializar e sensibilizar a população para o que está a acontecer. Para Sofia Branco, os jornalistas portugueses conseguiram cumprir este papel.

A mudança que se tornou evidente diz respeito aos métodos de trabalho. Para Marta Atalaya e Sofia Branco, o teletrabalho será de facto uma possibilidade viável e concreta. Mesmo que estejam mais voltadas para as redações, ambas consideram que para aqueles que gostaram, a opção poderá manter-se.

Mário Carneiro acredita que se o Jornalismo mudar será para se tornar mais sólido. Porque "se olhar para o Everest e achar que é uma dificuldade, vou subi-lo e queixar-me a cada passo, mas se o vir como um desafio vou ficar contente com cada passo que der até chegar lá acima". ■

* Aluna da Universidade Lusófona. Reportagem realizada no âmbito da disciplina de Jornalismo de Revista na Era Digital da licenciatura em Comunicação e Jornalismo